



A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PARA AS PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA PÓS-LINGUÍSTICA

Maria Luzinete Ielpo do Amaral¹
Janaína Aguiar Peixoto²

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da comunicação para as pessoas surdocegas pós-linguísticas, explorando sua relevância e as estratégias comunicativas recomendadas para promover sua inclusão e qualidade de vida. A comunicação é considerada fundamental na vida humana, permitindo o estabelecimento de conexões sociais e o sentido da existência. No caso das pessoas surdocegas pós-linguísticas, a comunicação desempenha um papel determinante, permitindo a expressão de necessidades, sentimentos, desejos e pensamentos, bem como a compreensão e participação em conversas e atividades cotidianas. Além do uso de palavras, a comunicação também pode ser expressa por meio de formas não verbais, como movimentos corporais, toques e expressões faciais. Cada indivíduo surdocego pós-linguístico escolhe a maneira mais adequada para transmitir sua mensagem, levando em consideração suas características individuais. A comunicação efetiva contribui para a construção da identidade surdocega, fortalecendo a autoestima, autonomia e participação social e cultural. O artigo também enfatiza que a comunicação desempenha um papel fundamental no aprendizado, crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal das pessoas surdocegas pós-linguísticas. Destacam-se também as estratégias de apoio, como o papel dos guias-intérpretes, na facilitação da comunicação e acesso à informação. Espera-se que este artigo contribua para o avanço do conhecimento e adoção de abordagens comunicativas mais eficazes, fortalecendo a compreensão da surdocegueira como condição única.

Palavras-chave: surdocegos pós-linguísticos, comunicação, inclusão, estratégias comunicativas, autonomia.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa de caráter bibliográfico cujo objetivo é discorrer sobre a importância da comunicação para as pessoas com surdocegueira pós-linguística.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, luz.ielpo@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora em Letras Universidade Federal da Paraíba - UFPB, janaina.peixoto@academico.ufpb.br



A comunicação é essencial para a vida em sociedade, por isso, desde o nascimento, os seres humanos se comunicam de diversas formas, seja por meio de palavras, sons, gestos, expressões corporais ou faciais etc. De acordo com o Dicionário Houaiss (2009), uma das definições da palavra comunicação está relacionada ao ato de dialogar e ser compreendido, ou seja, fazer chegar a alguém uma mensagem, um pensamento, uma ideia, um sentimento.

Considerando o relevante papel da comunicação para desenvolvimento social, cognitivo e conseqüentemente para a aquisição de aprendizagens, a ausência de uma comunicação efetiva da pessoa com surdocegueira e o mundo que a cerca, fica gravemente afetado.

Surdocegueira é considerada uma deficiência única, que causa comprometimentos dos órgãos sensoriais da visão e audição. Embora as complicações visuais e auditivas possam surgir em graus diferenciados, o envolvimento dos sentidos (visão e audição) se estabelece no indivíduo de forma simultânea, ou seja, ao mesmo tempo.

Conforme Batista (2021), a surdocegueira pode ser classificada como: pré-linguística, formada por pessoas que já nasceram ou se tornaram surdocegas antes de desenvolver uma língua, e pós-linguística: que compreende aquelas pessoas que já possuem uma língua materna, e que por algum motivo, adquirem a surdocegueira ao longo da vida. Para as autoras Cambruzzi e Costa (2016), os órgãos visão e audição são considerados de extrema importância para desenvolvimento da comunicação, pois é através deles que o ser humano consegue apreender grande parte das informações ao seu redor. Sendo assim, a perda de ambos os sentidos, pode acarretar em uma série de dificuldades para a pessoa com surdocegueira.

Diante do exposto, é possível perceber que estabelecer uma efetiva comunicação com uma pessoa surdocega é um processo essencial para a qualidade de vida, culminando em uma participação mais efetiva, com diminuição de eventuais riscos de isolamento.

O interesse em aprofundar os conhecimentos e reflexões sobre surdocegueira pós-linguística surgiu durante os estudos da disciplina Teoria da Tradução I, do curso de Letras LIBRAS, na ocasião em que nos foi proposto um estudo sobre os tipos de intérpretes de línguas de sinais. Investigar sobre tal temática culminou com o conhecimento do profissional que atua na área de interpretação e o trabalho mediador entre o surdocego e o mundo. Ademais, verificou-se que a síndrome de Usher, segundo Lupetina (2020), é uma das causas mais prevalentes da surdocegueira pós-linguística.



Diante desta reflexão, o presente artigo é fundamentado em uma questão: qual a importância da comunicação para as pessoas com surdocegueira pós-linguística? Assim, este artigo tem como objetivo analisar a relevância desse processo em diversos aspectos de suas vidas. Através da revisão e análise de estudos e pesquisas na área, serão explorados os fundamentos teóricos, com os objetivos específicos de compreender como acontece a comunicação dos sujeitos surdocegos pós-linguísticos, investigar as causas da surdocegueira pós-linguística, bem como, as dificuldades e a importância da comunicação para essas pessoas no tocante à convivência familiar, relações sociais e o acesso à educação.

A partir da revisão e análise dos estudos e pesquisas apresentados, espera-se que este artigo possa contribuir para o avanço do conhecimento e para a adoção de abordagens comunicativas mais eficazes para as pessoas surdocegas pós-linguísticas, fortalecendo sua autonomia, empoderamento e participação ativa na sociedade.

METODOLOGIA

Foi adotada uma abordagem qualitativa de pesquisa para explorar a importância da comunicação para pessoas surdocegas pós-linguísticas e examinar as estratégias comunicativas recomendadas para promover sua inclusão e qualidade de vida. O estudo envolveu revisão bibliográfica de fontes relevantes, como artigos científicos, livros, teses e documentos relacionados ao tema.

A seleção dos materiais para revisão foi realizada por meio de busca em bases de dados acadêmicas e científicas, utilizando termos de pesquisa específicos relacionados à comunicação, surdocegueira, estratégias comunicativas e inclusão. Foram considerados artigos publicados em periódicos científicos, livros e capítulos de livros que apresentavam informações relevantes e atualizadas sobre o tema.

A revisão bibliográfica foi conduzida de forma sistemática, com análise crítica e síntese dos principais conceitos, teorias e achados relacionados à comunicação de pessoas surdocegas pós-linguísticas. As informações foram organizadas e estruturadas de maneira coerente, permitindo a identificação de padrões, lacunas no conhecimento e aspectos relevantes a serem abordados neste artigo.



Por meio dessa abordagem metodológica, busca-se fornecer uma visão abrangente e embasada sobre o tema, promovendo uma compreensão aprofundada da importância da comunicação e seu impacto na inclusão e qualidade de vida de pessoas surdocegas pós-linguísticas.

Após a coleta de informações por meio da revisão bibliográfica, os dados foram submetidos a uma cuidadosa análise. O objetivo dessa etapa foi identificar padrões, tendências e *insights* relevantes relacionados ao tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com relação a grafia do termo Surdocegueira sem a presença do hífen, Lagati (1995 apud Watanabe, 2017, p. 16) afirma que tal mudança já tem sido adotado não só pelas entidades brasileiras mais também em todos os países de língua portuguesa que dispunham de atendimento à população com surdocegueira.

Para a autora, Lagati (1995 apud Watanabe, 2017, p. 16) entendia que a surdocegueira não é a junção da deficiência visual e auditiva, e sim, uma condição que acarreta outras dificuldades além da surdez e a cegueira, tais como: dificuldades de locomoção, comunicação e interação, entre outras. Sendo assim, a junção das duas palavras, sem o hífen, tem o objetivo de contribuir para o reconhecimento da surdocegueira como condição única, além de fortalecer a implementação de políticas públicas voltadas para a população surdocega em todo mundo.

Até o momento, o entendimento em torno do conceito da surdocegueira aceito por grupos de pesquisas e órgãos que são referência no atendimento a surdocegos no Brasil, como por exemplo, o Instituto Benjamin Constant (IBC), considera que a surdocegueira é:

Uma deficiência que compromete, em diferentes graus, os sentidos da visão e audição. A privação dos dois canais responsáveis pela recepção e informações a distância afeta o desenvolvimento da comunicação e linguagem, a mobilidade, a autonomia, o aprendizado etc. (IBC, 2023)

Nessa direção, o Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, considerada outra instituição referência no atendimento a pessoas com surdocegueira no Brasil, apresenta a surdocegueira da seguinte forma:



Surdocegueira é uma deficiência que apresenta perdas auditivas e visuais concomitante em diferentes graus, levando a pessoa com surdocegueira a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender e interagir com as pessoas e o meio, para ter acesso a informações, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho. (MAIA, 2011, p. 51 apud FARIAS, 2015, p.22).

No Brasil, algumas autoras propõem diferentes abordagens para classificar a surdocegueira, levando em consideração distintos enfoques. Três autoras em particular, Cader-Nascimento (2012), Farias (2015) e Watanabe (2017), utilizam categorias que incluem os graus de comprometimento da visão e audição (leve, moderado, severo), os níveis de funcionamento da comunicação (baixo, médio, alto) e o período de surgimento da surdocegueira (congenita ou adquirida). Essas classificações visam abordar aspectos específicos relacionados à condição, permitindo uma compreensão mais abrangente e personalizada para intervenções e suportes em diversos contextos.

Nessa perspectiva, considerando que algumas pesquisas relacionam a fase do surgimento da surdocegueira em crianças, jovens e adultos ao período da aquisição e desenvolvimento da linguagem, alguns autores mencionam o termo surdocego pré-linguístico, ao se referir a surdocegueira congênita e pós-linguística em referência a surdocegueira adquirida (BATISTA, 2021, p. 42).

Assim, a surdocegueira pré-linguística engloba todas as crianças que já nascem surdocegas e/ou apresentam essa condição antes que consiga desenvolver uma língua materna. De semelhante modo, a surdocegueira pós-linguística compreende um grupo de pessoas que já são usuários nativos de uma língua, de forma que já possuem uma forma de comunicação consolidada, seja ela uma língua na modalidade oral ou sinalizada. Entretanto, por algum motivo, elas sofreram algum comprometimento ou perda de modo considerável da visão e audição ao longo da vida. Sobre isso, Batista (2021, p. 42) descreve:

Os surdocegos pós-linguísticos podem ser pessoas com deficiência auditiva ou surdas que manifestaram baixa visão ou cegueira; pessoas com deficiência visual ou cegas que manifestaram a deficiência auditiva ou a surdez; ou, ainda, pessoas nascidas com audição e visão normais que adquiriram a surdez e a cegueira. (BATISTA, 2021)



Além das classificações acima, Watanabe (2017) afirma que a surdocegueira ainda pode surgir associada a outros comprometimentos, tais como a deficiência físico-motora, intelectual e/ou autismo e, neste caso, ela recebe o nome de Surdocegueira Plus.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A surdocegueira pode ocorrer em qualquer fase da vida, com causas variadas e apresentação em diferentes graus. As implicações sensoriais na visão e audição são diversificadas, sendo único para cada indivíduo.

Conforme Lupetina (2020, p. 48), os fatores relacionados à etiologia da surdocegueira variam de acordo com o período de surgimento:

- Fase pré-natal: Rubéola congênita, sífilis congênita, Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), toxoplasmose, citomegalovírus.
- Fase perinatal: Prematuridade, falta de oxigênio, uso de antibióticos, medicamentos ototóxicos.
- Fase pós-natal: Síndrome de Charge, Síndrome de Wolfram ou Didmaos, meningite bacteriana, doenças bacterianas.

A surdocegueira adquirida ou pós-linguística, foco deste trabalho, pode ocorrer de diversas maneiras, incluindo a síndrome de Usher. Segundo a FIOCRUZ (2023), a síndrome de Usher é uma condição hereditária recessiva, resultante da combinação da retinose pigmentar e perda auditiva ou surdez. É apontada como a maior causa da surdocegueira em adultos, sendo que, a incidência dessa síndrome na população surda esteja entre 3% e 6% (Maia, 2004; Grupo Brasil, 2005).

Como já mencionado anteriormente, a surdocegueira é uma condição específica, assim sendo, foi preciso encontrar mecanismos alternativos de comunicação com o intuito de se adaptar às peculiaridades sensoriais de cada indivíduo. Isto se evidencia, por exemplo, em uma pessoa que era usuária do sistema Braille e passou a utilizar o Braille tátil. Já as pessoas que se comunicavam a partir das línguas de sinais, se adaptaram para as línguas de sinais tátil ou língua



de sinais em campo reduzido. A partir da oralização e da leitura labial, surgiu o método Tadoma. (CADER-NASCIMENTO, 2012 apud BATISTA, 2021).

Para terem vida social, educacional e profissional, as pessoas com surdocegueira precisam dominar formas específicas de comunicação. Além disso, dependem de mediadores para acessar informações, interagir e participar ativamente na sociedade. Essa mediação é vital para superar barreiras sensoriais, garantindo sua inclusão e participação plena na vida diária.

Nesse cenário, dois profissionais desempenham papéis mediadores na comunicação: o instrutor-mediador para pessoas surdocegos pré-linguísticos e guia-intérprete para os surdocegos pós - linguísticos. (BATISTA, 2021, p. 48).

Na surdocegueira pós-linguística, várias questões devem ser consideradas para entender as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos afetados, como o momento e a causa da condição, resíduos visuais e auditivos, contexto familiar e aceitação da nova realidade pelo surdocego. No entanto, a maior barreira discutida por pesquisadores é a falta ou dificuldade de comunicação.

Vilela (2020, p. 29) afirma que a comunicação consiste em um processo fundamental para a vida humana, pois através dela, nos tornamos seres sociais e sociáveis dentro de uma cultura, sendo assim, ela é essencial para dar sentido à nossa existência.

Adicionalmente, Farias (2015, p. 30) afirma que, para as pessoas com surdocegueira, a comunicação é o alicerce sobre o qual se constrói a aquisição de diversas aprendizagens, desse modo, a comunicação desempenha um papel fundamental no aprendizado, no crescimento intelectual e no desenvolvimento pessoal, além disso, a comunicação promove a inserção social e cultural no ambiente em que estão inseridos.

Nesse pensamento, Batista (2021, p. 14) destaca que a criação de conexões comunicativas é um grande desafio para pessoas com surdocegueira, isso se deve às limitações visuais e auditivas que restringem sua capacidade de explorar e descobrir, resultando em isolamento e dificultando o desenvolvimento natural da comunicação.

Vilela (2020) concorda com as ideias das autoras citadas anteriormente, quando defende: “para os surdocegos pós-linguísticos é necessário o resgate da comunicação já adquirida e, a partir dela, fazer conexões com novos recursos de acordo com o grau de comprometimento da deficiência”. Desta forma, o tipo de comunicação adotado por uma pessoa



com surdocegueira dependerá das características sensoriais individuais, da história pessoal e das capacidades específicas de cada pessoa (CAMBRUZZI; COSTA, 2016).

A falta de compreensão sobre a surdocegueira gera estranheza e atitudes que levam ao distanciamento e à segregação. Isso cria dificuldades para pessoas com essa condição, pois não têm um sistema de comunicação adequado para interagir plenamente com o ambiente, afetando suas relações familiares, sociais e acesso à educação.

Para Araújo *et al* (2018, p. 15), apesar de o apoio da família ser crucial no suporte à pessoa com surdocegueira. Segundo Maia (2004, p.71), pais de crianças com maior comprometimento enfrentam dificuldades ao tentar compreender seus filhos. Isso ocorre devido à falta de domínio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por parte de algumas famílias, o que dificulta a interpretação das expressões e gestos naturais dos filhos surdocegos.

Conforme Lupetina *et al* (2016, p. 6), pessoas com surdocegueira pós-linguística enfrentam desafios nas relações sociais e na comunicação, dada a interferência dessa nova condição. Dependendo do comprometimento visual ou auditivo, a dificuldade em se comunicar naturalmente pode afetar suas relações interpessoais. Isso acontece devido a necessidade de readaptação para manter interações sociais, incluindo com outros surdocegos.

Convém ainda mencionar que, outra dificuldade encontrada durante este processo investigatório é a educação de alunos surdocegos, uma vez que a educação desses indivíduos é um processo complexo, que envolve várias relações e possibilidades de atendimento diante das especificidades que a deficiência apresenta.

Maia (2004) afirma que, os professores que desejam trabalhar com esse público alvo é necessário:

Conhecer técnicas de orientação e mobilidade para favorecer melhor postura, adequação na marcha e exploração do ambiente, favorecendo sua interação com outras pessoas, deve se colocar como seu mediador, levando-o a conhecer as pessoas, objetos e as situações do dia a dia, proporcionando-lhe o desenvolvimento para uma autonomia e possibilidades inclusão na educação e trabalho. (MAIA, 2004, p.33).

A vista disso, Galvão (2010) destaca que a educação da pessoa surdocega precisa de profissionais capacitados que possam estabelecer uma relação funcional entre o surdocego e o ambiente, promovendo o desenvolvimento de habilidades comunicativas e facilitando o progresso cognitivo e social do indivíduo. Em consequência, a autora constata que, no Brasil,



a falta de profissionais mediadores com formação específica em surdocegueira representa uma grande barreira para o desenvolvimento da educação destes educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo explorar a importância da comunicação para as pessoas surdocegas pós-linguísticas. Através da análise e revisão dos textos anteriores, foi possível compreender o relevante papel da comunicação na vida desses indivíduos, não apenas como meio de expressão e troca de informações, mas também como base para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

As pessoas com surdocegueira enfrentam o desafio de desenvolver a comunicação sem acesso pleno dos sentidos da visão e da audição, o que torna essa tarefa complexa. Nesse sentido, ficou claro que antes de se pensar na melhor forma para se comunicar com uma pessoa surdocega pós-linguística, deve-se conhecer primeiro qual o tipo de comunicação que ela utilizava antes de adquirir a surdocegueira, pois quando se refere ao modo de se comunicar, cada surdocego possui sua própria singularidade.

Com isso, é importante ressaltar que a comunicação para surdocegos pós-linguísticos não se limita apenas à troca de informações, mas também envolve a expressão e a compreensão de emoções, nuances linguísticas e aspectos culturais. Sendo assim ela é essencial na construção da identidade surdocega, além de fortalecer a autoestima, autonomia e promover a participação ativa na sociedade.

Foi possível perceber também que existe escassez de profissionais aptos para lidar com as complexidades da surdocegueira e isso interfere diretamente no planejamento de políticas educacionais, estratégias de ensino e criação de materiais didáticos. Consequentemente essa situação impacta negativamente na garantia do acesso e permanência dos alunos surdocegos no ambiente acadêmico.

Portanto, é essencial estimular e motivar os surdocegos a participarem de diversas experiências, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem se dá por meio de repetição e estimulação, contando com a mediação dos professores, família e sociedade.

A compreensão das dificuldades enfrentadas pelas pessoas surdocegas na comunicação, devido à falta de acesso pleno aos sentidos da visão e da audição, reforça a importância de



estimulá-las a participar de diversas experiências, por meio da repetição e da estimulação, com o apoio de profissionais especializados.

Portanto, é fundamental que sejam desenvolvidas políticas e práticas que promovam a conscientização, a capacitação e a criação de ambientes inclusivos, a fim de garantir que as pessoas surdocegas pós-linguísticas tenham acesso à comunicação adequada e sejam reconhecidas como cidadãs plenas, com direito à expressão, conexão e participação social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. K. H. S.; SOUSA, C. D. S.; CUNHA, G. G.; GARZESI, A. D. S. S.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. **Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional**. Revista Educação Especial, [S. l.], v. 32, p. e12/ 1–19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/30185>. Acesso em: 18/05/2023.

BATISTA, A. K. H. S. **Currículo funcional no contexto da surdocegueira**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A. COSTA, M. P. R. **Descobrimo a surdocegueira: educação e comunicação**. São Carlos: edUFSCar, 2010.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A. **Surdocegueira e os desafios da educação inclusiva**. In: ORRU, S. E. (org.) *Estudantes com necessidades especiais: singularidades e desafios na prática pedagógica inclusiva*. Rio de Janeiro: 2012.

CAMBRUZZI, R.; COSTA, M. P. **Surdocegueira: Níveis e formas de comunicação**. São Carlos: EDUFSCar, 2016.

FARIAS, S. S. P. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18190/1/Os%20processos%20de%20inclus%C3%A3o%20dos%20alunos%20com%20surdocegueira%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica.pdf> . Acesso em: 01/10/2022.

GALVÃO N. C. S. S. **A comunicação do aluno surdocego no cotidiano da escola inclusiva**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010

GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao Deficiente Múltiplo Sensorial. Síndrome de Usher. In: **Série Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial**. São Paulo, 2005.



HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa Ltda, 2009.

IBC (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT). **Conceituando a surdocegueira**. Disponível em: <http://antigo.ibr.gov.br/paas/308-conceituando-a-surdocegueira>. Acesso em: 15/02/2023.

LUPETINA, R. **Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

LUPETINA, R.; KELMAN, C. A.; MELO, M. J. F. **Surdocegueira adquirida: o impacto dessa condição nas relações sociais do sujeito**. Rio de Janeiro: Benjamin Constant, v. 1, n. 59, p. 6-24, 2016.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego: diretrizes básicas para pessoas não especializadas**. Dissertação (Mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MAIA, S. R. **Descobrimo crianças com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, no brincar**. 2011. 240f. Tese (doutorado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.

VILELA, E. G. **Educação de surdocegos: perspectivas e memórias**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/pt-br.php>. Acesso em: 2023-05-24.